

A EUGENIA EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA (1930-1940)

THE EUGENICS IN BRAZILIAN JOURNALS OF PHYSICAL EDUCATION (30'S AND 40'S)

Edivaldo Góis Junior*
Alessandro Barreta Garcia**

RESUMO

O problema de pesquisa deste artigo consiste na descrição do contexto científico do início do século XX no campo da eugenia e sua influência na mídia especializada da Educação Física. Tem como objetivo analisar a influência das ideias eugênicas em dois periódicos da área de Educação Física que tiveram destaque nos anos 30 e 40, quais sejam, a Revista Educação Física, e a Revista de Educação Física do Exército. Para isto foi realizado um estudo histórico de levantamento de fontes primárias e secundárias sobre o objeto de estudo. Constatou-se que, embora não fosse hegemônico, o discurso eugenista se fazia presente na mídia especializada em Educação Física.

Palavras-chave: História. Educação física. Saúde pública.

INTRODUÇÃO

Neste artigo realizaremos uma descrição histórica da influência da eugenia na mídia especializada da área de Educação Física entre os anos de 1930 e 1940.

O termo *eugenia* define-se como boa procriação (FONTENELLE, 1940, p. 769); em específico, os higienistas brasileiros do início do século XX identificavam o termo como higiene da raça. No campo da Educação Física muitas vezes o termo é utilizado, de forma equivocada, como sinônimo de *higienismo*. Essa relação entre higienismo e eugenia se dá em alguns momentos específicos, ocorrendo uma combinação de objetivos, nos termos de Stancik (2003):

Isso nos mostra que a convivência, ou melhor, o conflito ou mesmo a combinação entre teorias diferentes e divergentes é uma das características do período. Ainda que os primeiros (higienistas) tivessem por pressuposto uma perspectiva sanitária, enquanto eugenistas como Renato Kehl em certos momentos permaneceram mais apegados à noção de raça e mesmo preocupados com a miscigenação. (p.45)

O *higienismo* tinha como objetivo identificar os procedimentos e hábitos

individuais e coletivos para a manutenção da saúde, entendida na época como ausência de doenças. Com isso, seu caráter era intimamente ligado à prevenção, mas também ao controle da proliferação de diversas doenças. Já o objetivo da eugenia era estudar a influência da herança genética nas qualidades físicas e mentais dos indivíduos. O grande precursor dessa linha de estudos na Europa foi Francis Galton. Em 1865 Galton defendeu a hereditariedade das qualidades mentais, assim como das físicas. Já em 1869, Galton passou a defender a necessidade de melhorar as qualidades naturais dos homens. Somente em 1883 Galton criou o termo eugenia (FONTENELLE, 1940). Diante dessa primeira constatação, a eugenia passou a defender como medida profilática os seguintes procedimentos: a eugenia positiva, ou seja, conscientização e educação dos indivíduos para os princípios eugênicos, e a negativa, que se dividia em três ramos: esterilização, segregação, e regulamentação dos casamentos. A esterilização dos indivíduos consistia no impedimento de procriação através de procedimentos cirúrgicos, nos seus termos: “*tarados, doentes, incapazes, eugenicamente nocivos à sociedade, ou consanguíneos*” (ARENO, 1941, p.41). A segregação seria o

* Doutor. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

** Mestre. Professor do Departamento de Educação da Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP.

isolamento provisório ou perpétuo dos chamados incapazes, para que não pudessem viver em sociedade; e, por último, a regulamentação dos casamentos, que daria ao médico, através do exame pré-nupcial, o poder de veto em relação a um matrimônio considerado não sadio.

Outra característica importante do movimento eugênico é destacada por André Silva (2009):

Concebida como sinônimo de modernidade e progresso, a Eugenia, gestada em meados do século XIX, era uma Ciência nova que despertava certo fascínio em meio à intelectualidade da época. No Brasil, nos primeiros anos do século XX, foi identificada como mais um saber legítimo que auxiliaria civilizar e limpar a heterogênea população brasileira.

Por volta de meados dos anos 1910, a Eugenia ganhou alguns adeptos que diziam ser a “salvação” para o caso de multirraças que aqui se instaurou. A herança da política escravocrata, somada à intensa imigração das mais diversas etnias, fazia com que os olhares da elite intelectual recaíssem no desânimo; afinal a miscigenação seria a causa da degeneração racial. Entretanto, o imaginário que retratava o Brasil como um país miscigenado e, portanto, fadado ao fracasso, foi sendo substituído por um olhar otimista quanto à mistura racial, pois, negar a mestiçagem seria negar o Brasil. (p.3)

Embora eugenia, para os higienistas brasileiros do início do século XX, fosse sinônimo de eugenia da raça, temos que perceber que o termo *raça* não poderia se referir à etnia pura no Brasil, mas sim, às características físicas e mentais como um todo; por isso não encontramos nenhuma referência a esterilização ou segregação de grupos raciais por parte dos eugenistas, embora não possamos descartar a existência de uma política de embranquecimento da raça em um contexto mais amplo. Se o discurso da etnia atraía uma oposição ferrenha, então os eugenistas citavam os deficientes mentais e os deficientes físicos como os grupos que deveriam ser excluídos do

processo natural de procriação. Desse modo, para eles, a raça humana seria aprimorada.

No Brasil a eugenia foi defendida principalmente nos anos 20 e 30, em São Paulo e no Rio de Janeiro, por Renato Kehl. Destacamos o fato de que vários higienistas foram contra as ideias eugenistas de Kehl, e os seguidores de Francis Galton, denominados galtonianos, foram identificados como apenas uma das linhas do movimento higienista no Brasil. No Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, Fróes da Fonseca, ao ler “Lições de Eugenia” de Renato Kehl, que foi distribuído no Congresso, assim se pronunciou:

Não nos parece pois que a organização das populações brasilienses seja problema racial. Como o têm reconhecido todos os grandes espíritos que têm procurado pôr em equação o nosso futuro, o problema fundamental é o da educação em geral e o da higiene em especial (FONSECA, 1929, p. 78)

A questão social da higiene nos anos trinta e quarenta colocava-se acima de qualquer linha do movimento que pudesse ser identificada com problema racial. Para os higienistas, a partir de 1930, o importante era a intervenção social no campo da saúde e da educação para o alcance do progresso da sociedade brasileira.

A partir desta contextualização da eugenia brasileira, pretendemos analisar como este discurso influenciou a Educação Física no Brasil. O objetivo deste artigo é analisar a influência das ideias eugênicas na mídia especializada da Educação Física nos anos de 1930 e 1940. Interessa-nos investigar como os atores sociais da Educação Física deram espaço para a divulgação da Eugenia.

Para isso selecionamos dois periódicos publicados na época: A Revista Educação Física (1932-1945) e a Revista de Educação Física do Exército (1932-).

A Revista Educação Física foi um dos principais veículos de divulgação da Educação Física no Brasil no período entre 1932 e 1945. Foram publicados oitenta e oito números em treze anos de existência. Em torno destes ideais se formou um grupo liderado por Oswaldo Rezende e Paulo Lotufo, administradores da revista por um longo período - aproximadamente entre 1932 e 1940. Este grupo

contava com a colaboração ainda de Américo Netto, professor da Escola de Educação Física do Governo do Estado de São Paulo; de Henry Sims, diretor da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro; de Fred Brow, técnico da Confederação Brasileira de Desportos; e de Georges Summers, da Associação Cristã de Moços da América do Sul. Paulo Lotufo saiu da direção da revista em meados dos anos 1940, permanecendo na direção Oswaldo Murgel Rezende até a publicação do último número. Durante esses treze anos a revista foi financiada por uma editora particular a Companhia Brasil Editora. Cumpre ressaltar que a divulgação da revista não ocorreu sem dificuldades.

A Revista de Educação Física é um dos periódicos especializados mais antigos da área. É publicada, desde maio de 1932 até os dias de hoje, como periódico oficial do Exército Brasileiro, e sempre atrelada à Escola de Educação Física do Exército. Na década de 30 e 40 foram publicados sessenta e três números. Foi fundada pelo Coronel Newton Cavalcanti e dirigida na década de 30, pelo Major Raul Mendes de Vasconcelos, tendo como redator o Capitão Inácio de Freitas Rolim. A partir de 1939 a direção da revista passou a ser exercida pelo Tenente-Coronel Otavio Saldanha Mazza. Todos os militares citados eram ligados à Escola de Educação Física do Exército. A Escola teria grande influência sobre a formação de professores de Educação Física no Brasil, inclusive sobre os civis. Como afirmam Baptista et al. (2003), a Escola do Exército teve influência de destaque sobre as duas primeiras escolas de Educação Física civis brasileiras, a ENEFD (Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil) no Rio de Janeiro, e a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. Devido à importância da Escola do Exército, foi idealizado, então, um periódico que se mostrasse como porta-voz da Escola, daí a relevância da Revista de Educação Física.

Apresentadas as principais fontes, ou sejam, os periódicos especializados da época a Revista Educação Física e a Revista de Educação Física do Exército -, determinamos um recorte temporal delimitado pelos anos de 1930 e 1940, pois essas décadas representam a ebulição dos debates na área da eugenia no Brasil, como também a organização e sistematização da área de Educação Física com a publicação de periódicos, a criação de escolas de nível superior e o aumento da frequência de aulas de

Educação Física nas escolas brasileiras. Em um contexto mais amplo, este período representa um projeto de educação da população que pretendia inculcar hábitos higiênicos e cuidados com o corpo que começavam a ser difundidos. Esses hábitos deveriam atingir a maioria da população, aprimorando a saúde e promovendo a regeneração racial, elemento considerado impreterível para a formação de uma “*cultura brasileira*”. O brasileiro deveria alcançar uma maior “*civilidade*”, criando um sentimento de unificação e identificação nacional. Esta reformulação cultural deveria atingir toda a sociedade.

A partir deste recorte temporal, levantamos os artigos que tematizavam e defendiam a eugenia, a raça e a higiene da raça nos dois periódicos, totalizando 09 artigos. Esses artigos foram analisados a partir da perspectiva histórica de Paul Veyne (1995), segundo a qual as fontes não se caracterizam como provas factuais, mas como indícios que nos aproximam da realidade, embora não sejam necessariamente a verdade. Deste modo, o trabalho do historiador consiste na possibilidade de narração de uma *trama* que é sustentada pelos indícios. Analisamos os indícios para não caracterizarmos as fontes primárias como provas científicas, pois elas têm limites - enfim, “*enquanto houver historiadores, suas explicações serão incompletas, pois nunca poderão ser uma regressão ao infinito*”. (VEYNE, 1995, p.56). O centro da historiografia de Paul Veyne sustenta-se no conceito de que a história não tem anatomia, não constrói o passado em si, mas interpretações, uma *trama* sobre o passado. A historiografia deste artigo, ao analisar as fontes, parte da perspectiva de construção de uma *trama*, de uma interpretação limitada por indícios. A análise também se limitou aos atores favoráveis à eugenia positiva e negativa, embora identifiquemos nas fontes primárias e fontes secundárias (MARQUES, 1997; HOCHMAN; LIMA, 1996) correntes contrárias à eugenia; entretanto estabelecemos nesse estudo uma delimitação do objeto que revela a divulgação da eugenia em periódicos da área. A análise desta influência nos leva à reflexão sobre o conceito de corpo vigente no período estudado e sobre como essa conceituação pode influenciar a área. Apresentaremos essa *trama* para identificar os posicionamentos favoráveis à eugenia publicados nos periódicos.

A REVISTA *EDUCAÇÃO FÍSICA* E A QUESTÃO DA EUGENIA

Durante as décadas de 1930 e 1940, profissionais dos mais diferentes ramos entraram na discussão sobre a questão racial no Brasil (SCHWARCZ, 1993; HOCHMAN, 1993), propondo vários meios para equacionar o problema que, em seu entendimento, limitavam a nossa formação cultural. A revista também entrou nessa discussão, apresentando vários pontos de vista sobre a discussão da eugenia e sobre os meios de equacionar os ditos problemas decorrentes da miscigenação racial em nosso país.

Alcir Lenharo (1986, p.79.) considera que a discussão sobre este problema brasileiro e sobre a sua solução “*eram meios de uma política repressiva e preventiva para a salvaguarda do patrimônio hereditário*”. Isto pode ser verificado nas palavras dos técnicos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos proferidas neste discurso de Waldemar Areno, transcrito pela revista:

A educação física tem por finalidade a preparação de um organismo sadio, física e espiritualmente, age mantendo a saúde, melhorando a saúde, prevenindo a doença. E a higiene; higiene e serviço social se confundem e se completam em tantos pontos e a educação física e a higiene são irmãs(...). Esse capítulo importante de higiene social incluindo todas as medidas que se destinam à seleção biológica da espécie humana, essa higiene da raça, visando ao estudo da eugenia, da boa geração, se dirige, é claro para os indivíduos que se destinam à procriação. A Higiene da raça comporta o estudo de todos os fatores submetidos ao controle da sociedade e susceptíveis de modificar favorável ou desfavoravelmente as qualidades raciais, físicas e mentais das gerações futuras. (...). A regulamentação dos casamentos é um objeto que visa não só a proibição da união entre indivíduos tarados, doentes, incapazes, eugenicamente nocivos à sociedade, mas também entre indivíduos de u'a mesma linha de descendência evitando casamentos consanguíneos. (...). Parece de certo

modo u'a maneira de agir que influenciaria sobre o todo moral do indivíduo, depreciando-o, diminuindo-o; se à sociedade cabe a missão de melhorar as condições dos deficientes, a segregação temporária seria, num prazo certo, ainda razoável, porém, a segregação definitiva antes merecia ser substituída pela esterilização (...). A esterilização consiste em um processo cirúrgico simples e inofensivo, no homem a ligação dos canais deferentes, e na mulher, das trompas de Falópio. Impedindo no homem a fecundação e na a concepção, essa medida, não sendo de qualquer forma nociva, permite aos indivíduos a continuação das atividades sexuais, excluindo-lhes somente o direito que lhes era facultado, de disseminar o mal, de produzir seres inúteis à sociedade. (ARENO, 1941, p.40-1.)

Waldemar Areno, professor catedrático de Anatomia, Fisiologia e Higiene Aplicada da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, foi o principal defensor da eugenia nos debates sobre a Educação Física. Para ele, caracteres adquiridos, como valores educativos e robustez, não eram transmitidos geneticamente, mas nem por isso a Educação Física perderia o sentido na proposta galtoniana. Ele afirmava que a Educação Física tinha muita importância, pois era um hábito higiênico capaz de aprimorar e conservar a saúde coletiva e individual, mas seus benefícios não eram transmitidos geneticamente, portanto não podia aprimorar a raça, que seria função da eugenia (ARENO, 1949). Em seus termos: “*é necessário conceber à eugenia a sua preponderante importância e o seu verdadeiro significado. Não há como confundir-la com a Higiene e até com a Educação Física, só porque num sentido mais genérico, sejam consideradas como servindo para melhorar a raça, o que não é verdadeiro.*” (ARENO, 1949, p. 34)

Diante do exposto, percebe-se que a eugenia negativa, como linha de estudos da Higiene e como divulgadora dos procedimentos de esterilização, segregação e regulamentação dos casamentos, foi um assunto bastante polêmico na primeira metade

do século XX no Brasil, época de início de sua divulgação em nosso país, realizada por Renato Kehl. Desse modo, não pode ser confundida com o higienismo, ou com o próprio movimento higienista, originados no Brasil no século XIX, mas sim, como uma linha de pesquisa genética identificada com um grupo de médicos, denominados galtonianos, e também, como um grupo específico dentro da diversidade e heterogeneidade do movimento higienista (GOIS JUNIOR; LOVISOLO, 2005).

Nesta mesma linha de raciocínio, podemos destacar ainda o artigo de Reinaldo Kuntz Busch. “Como evitar a prole doentia”:

Entretanto, sem descrever da hereditariedade de caracteres bons ou maus de robustez ou de fraquezas orgânicas na sua espécie, o homem não faz uso em si mesmo da ciência que aplica para selecionar animais. Esquece que traria reais benefícios para sua descendência se assumisse uma atitude eugênica quando tivesse de contrair núpcias. Ao invés de controlar suas impressões e sentimentos afetivos por raciocínios, em face de observações e investigações mórbidas na pessoa e na ascendência de quem é objeto de suas inclinações, ele deixa-se levar só pelo coração, ou usa o saúde da prole. Do ponto de vista eugênico, casa-se às vezes bem, por acaso, outras vezes mal, conhecendo ou não as predisposições hereditárias do outro cônjuge (BUSCH, 1943, p.58).

Estas passagens representam algumas das ideias defendidas pela eugenia, especialmente aquelas que levavam a questão da raça até as últimas consequências e defendiam o controle da procriação. Além de defenderem o casamento só entre “*raças puras*”, contrariando uma característica da constituição racial em nosso país (a miscigenação de raças existente), a Educação Física aparece em uma destas passagens como uma atividade que visa ao aprimoramento da saúde individual e coletiva da população brasileira, melhorando a constituição racial das futuras gerações.

Em outras passagens, encontramos a ideia de que a eugeniização racial no Brasil já havia

sido alcançada e que isto teria sido obra da Educação Física. É o que ocorre num dos artigos de Hollanda Loyola, um dos mais importantes colaboradores da revista:

É o dia da Raça, o desfile da mocidade do Brasil. Desde cedo atordoam os ares e o toque festivo dos clarins e o cavo cadencia os tambores; dos mais longínquos recantos da cidade apresentam-se grupos álacres de jovens que se destinam à grande concentração; a música marcial das canções patrióticas, os vivas de alegria que se cruzam e se confundem, as milhares de bandeiras que drapejam farfalhantes dão ao ambiente um entusiasmo febril, comunicativo, que empolgava, galvaniza. Toda a cidade está em festa, reina alegria por toda a parte. (...). Os jovens de cabeça erguida, atitude correta, passo firme, marcham garbosamente sorridentes e belos, disciplinados e convictos, numa esplêndida visão do que será o Brasil glorioso de amanhã. (...). Um povo desfila! Com efeito, ao contemplar-se, nesses desfiles esplendorosos, a nossa vibrante juventude patricia, esses corpos flexíveis e harmoniosos, sadios e fortes, queimados de sol e estuantes de vida, sente-se que uma raça se define, e a nação adquire uma consciência, anônimo professor de Educação Física coroação de seu esforço, a tua maior colaboração para a grandeza da pátria. Eu te felicito, exulta comigo!... (LOYOLA, 1941, p.9.)

As preocupações da revista apontam para a discussão nacional em torno da eugenia. A revista procurou, assim, além de difundir hábitos de higiene e de cuidados com o corpo, disseminar ideais da eugenia e os meios de realizá-la no Brasil. Este era um dos pontos em que a revista se apoiava para se engajar num processo de constituição da cultura brasileira e da formação nacional.

A Educação Física e a educação integral da juventude seriam os meios apontados pela revista para contribuir nesse processo.

Podemos observar, assim, que a revista *EDUCAÇÃO PHYSICA* não apenas se engajou no processo de formação da cultura brasileira e de formação nacional, mas também na discussão

da questão racial, propondo meios para equacioná-la por meio da publicação de artigos de eugenistas.

A REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO E A EUGENIA

Embora a eugenia tivesse opositores, argumento que se torna mais forte com a negação de suas estratégias de esterilização por regulamentação do Estado Brasileiro, já que não encontramos evidências da aplicação dessas estratégias, como aprovação de regulamentos e leis neste sentido, a despeito dessas negativas, a Revista do Exército divulgou suas ideias. Em artigo publicado na Revista, Pacífico Castelo Branco (1933) apresenta os ideais da doutrina de Galton, utilizando-se da defesa teórica da eugenia a partir de Renato Kehl. Nesse sentido observamos que, para Castelo Branco (1933), os ideais podem ser descritos da seguinte forma:

- a) melhoria da progressiva da espécie,
- b) fomento da boa geração
- c) procriação hígida ou sadia
- d) em síntese, aperfeiçoamento físico, psíquico e moral do homem

Castelo Branco (1933) defende o aumento do número de indivíduos entendidos como normais e a diminuição ou eliminação do número de indivíduos anormais. Percebemos, a princípio, que o conteúdo da revista se torna mais incisivo quando se refere aos pressupostos raciais, e para isso, articula-se utilizando termos específicos da teoria de Galton:

A ciência de Galton, para atingir sua méta (sic), precisa de prosélitos apaixonados que lhe emprestem suas luzes para tornar o ideal eugênico uma parte do sistema de educação. Nós, da Escola de Educação Física, que formamos essa plêiade de moços empenhados na melhoria da nossa raça, devemos hastear bem alto a bandeira da Pró-Eugenização do Brasil, para a honra de nosso povo, glória de nossa pátria, e benefício da humanidade. (CASTELO BRANCO, 1933, p. 19)

Para Cunha (1935), Renato Kehl manifesta tais posições da Eugenia como um dos

principais conferencistas do fundamento eugênico. Cunha (1935) ressalta, ainda, que a ideologia do Eugenismo é um fator histórico, encontrado entre os espartanos na Grécia Antiga. As crianças que não servissem ao fim militar eram mortas, e aquelas aptas a suportar o serviço militar sofreriam castigos, como, por exemplo, ter seus dedos mordidos pelos supervisores.

Em outro artigo publicado na revista, em forma de editorial, divulga-se uma proposta eugênica para a Constituinte em que, com base na Comissão Central Brasileira de Eugenia (1933), estabeleciam-se as seguintes articulações:

- a) as condições somatopsíquicas dependem das disposições hereditárias;
- b) o progresso do povo depende da preponderância dos bem-dotados em detrimento dos indivíduos em déficit hereditário;
- c) deviam-se combater as causas que deterioram a existência útil à nacionalidade

Para tanto, o desenvolvimento de tal doutrina se daria a partir de pressupostos da biologia, da hereditariedade e da eugenia. Com isso, esperava-se um melhoramento da raça brasileira.

Outro autor que defendeu a eugenia no periódico foi Ramos (1936). Para ele, já na Antiguidade a eugenia já teria sido uma forma eficiente de aprimoramento da raça,

Num caso de peste contagiosa, ninguém hesita em sacrificar um indivíduo, ainda que precioso, em bem da coletividade. Ora, é menos perigoso o contágio que vai dizimar ocasionalmente um certo número de indivíduos, do que a intromissão de monstros, tarados, “détraques” que vão enfraquecer a raça. (RAMOS, 1936, p.1).

Para este fim, a esterilização seria uma saída, e quem se opunha não passava de sentimentalista ao ver a esterilização como uma crueldade. Essa era uma visão importante encontrada nas publicações da Revista do Exército Brasileiro, Órgão do Centro Militar de Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, os periódicos estudados compactuaram vários pensamentos que valorizavam a Educação Física, sobretudo discursos considerados científicos. O que importava era provar que a Educação Física tinha grande utilidade para a sociedade. Construía-se, neste sentido, um discurso legitimador a favor desta prática.

Os periódicos tentaram provar de todas as formas que a Educação Física era imprescindível para o desenvolvimento educacional da juventude. Fica clara a intencionalidade de valorização da atividade física para que esta fosse aceita pela sociedade brasileira.

Percebe-se que nas décadas de 1930 e 1940, a Educação Física, na busca por sua legitimidade, atrelava-se e associava-se apressadamente a discursos científicos. Esse fato é observado na associação com a eugenia. Neste trabalho podemos demonstrar essa associação e os discursos produzidos em nosso campo no período estudado. Suas estratégias e suas intenções foram assimiladas pelo discurso de alguns intelectuais importantes da área, como Waldemar Areno, e divulgadas em periódicos de grande circulação na profissão, como os dois citados neste estudo.

Neste contexto, cabe a pergunta: o que pode produzir a associação entre a legitimação da Educação Física e eugenia hoje? Será que a eugenia morreu no período estudado? Talvez a história possa nos auxiliar. Para André Silva (2009), ainda hoje

A Eugenia adentra diversas instâncias do nosso cotidiano; fazendo-se, muitas vezes, imperceptível. Reinventada pelo saber biológico e médico, essa Ciência povoa os jornais e revistas de grande circulação, sensibiliza pela imagem e som da TV, projeta um universo de possibilidades cinematográficas. Convicções de que os organismos biológicos evoluem, somadas à crença em um poder sem limites da ciência, ainda conferem sentido à Eugenia. (p.2)

Será que, diferentemente do passado, a nova eugenia será entre nós um paradigma? A partir de qual contexto a ciência do início do século XX cria estratégias de intervenção que

não apenas afetam o biológico, mas, de maneira drástica, interferem na natureza e no humano?

Como Vimos na introdução deste artigo, o discurso da eugenia não era hegemônico, não se constituía nos termos de Thomas Kuhn (2006), como um paradigma, contudo encontrava adeptos nas diversas profissões da saúde, inclusive na Educação Física.

Esse contexto pode ser explicado a partir da crescente representação do homem como máquina. O filósofo Sérgio Paulo Rouanet (2003) chama a atenção para a biografia de um médico do século XVIII, chamado Julien Offray de La Mettrie (1709-1751), autor do livro “*O homem-máquina*”. Em sua época esse médico destacava-se pelo pensamento anticristão, mas colocava-se em oposição também a Descartes, na medida em que defendia a ideia do homem-máquina como um animal, um homem determinado pela natureza, sem diferença com os animais. La Mettrie defende a ideia de que o homem é mais do que uma matéria extensa controlada pelo espírito, pela alma, como queria Descartes; para ele o homem é um animal orientado não pela educação, mas sim, pela própria natureza, ou seja, é um ser sem alma. Embora a eugenia do início do século XX não negasse a educação, colocava-a em segundo plano, pois o primordial, o essencial, é a natureza, que, no caso, é manipulada e selecionada por estratégias específicas que se resolvem no biológico. A genética determina os comportamentos sociais. O que separa La Mettrie da eugenia? Apenas os conceitos morais. Para os eugenistas, a atitude de modificar os genes e reprogramar a máquina significa construir uma sociedade saudável, e para La Mettrie, a moral humana era deplorável por sua própria natureza; contudo, eugenistas e La Mettrie se aproximam na visão do homem como mera máquina biológica.

O discurso da cientificidade moderna, ainda nos dias de hoje, tem consigo o argumento da autoridade, que se coloca como verdade. Conhecendo pela História as rupturas e antagonismos, observamos o contexto de competição entre saberes científicos. Empiricamente, o estudo histórico da eugenia nos possibilita a análise da ciência como discurso em constante construção, como limitado à mentalidade de cada período histórico.

THE EUGENICS IN BRAZILIAN JOURNALS OF PHYSICAL EDUCATION (30's and 40's)
ABSTRACT

The research problem of this paper is to describe the scientific context of the early 20th century, in the field of eugenics, and his influence in the specialized media of Physical Education. Aims to analyze the influence of eugenic ideas in two journals of Physical Education, who stood out in the 30's and 40's, namely, the *Revista Educação Física*, and the *Revista de Educação Física do Exército*. A historical study raising primary and secondary sources was performed. It was found that although not hegemonic, the content of eugenics was present in the specialized media in Physical Education.

Keywords: History. Physical education. Public health.

REFERÊNCIAS

- A EUGENIA E A CONSTITUINTE. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 04, p.1, 1933. Disponível em: (<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/paginas/dec30.htm>). Acesso em: 06 de fev. 2010.
- ARENO, W. Higiene e Saúde. *Educação Física*, Rio de Janeiro, n.53, p.40-1, 1941.
- ARENO, W. *Higiene aplicada à Educação Física*. Rio de Janeiro; s.e., 1949.
- BAPTISTA, M. T.; SILVA, E. B.; BELTRÃO, F. B.; MACÁRIO, N. M. Influência da Escola de Educação Física do Exército na origem do currículo da educação física no Brasil. *Lecturas em Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, año 9, n. 62, julio, 2003. Disponível em: (<http://www.efdeportes.com>). Acesso em: 23 de set. 2010.
- BUSCH, R. Como evitar a prole doentia. *Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 71, p.58-9, 1943.
- CASTELO BRANCO, P. Da Eugenia. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 19, 1933.
- CUNHA, E. da. *Os Sertões*. 12. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.
- CUNHA, J. M. Nos domínios da Eugenia: cuidados necessários à conservação da saúde e melhoramento da raça. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 6-7, 1935.
- FONSECA, A. F. Os grandes problemas da antropologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, Rio de Janeiro, 1., 1929. *Actas e Trabalhos...* Rio de Janeiro: Academia Nacional de Medicina, 1929. p.63-86.
- FONTENELLE, J. P.. *Compendio de Hygiene*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1940.
- GOIS JUNIOR, E; LOVISOLO, H. R. A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretção histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Lisboa, v.5, n.3, p.322-28, 2005.
- HOCHMAN, G. Regulando os efeitos da interdependência. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 40-61, 1993.
- HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nízia. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira república. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1996. cap. 2, p. 23-40
- KUNH, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LEITE, D. M. *Caráter Nacional Brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.
- LENHARO, A. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.
- LOYOLA, H. Um Povo desfila. *Educação Física*, Rio de Janeiro, n.58, p. 9, 1941.
- MARQUES, V. *Medicalização da raça*. Campinas: Edunicamp, 1997.
- RAMOS, S. Indivíduo, Esporte e Raça. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 31, p.1, 1936.
- ROUANET, Sérgio Paulo. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, Adauto. *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. cap.3, p. 37-64.
- SCHWARCZ, L. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SILVA, A.L.S. "Para evitar o cogumelar de gentes feias": a Educação Física na eugenia de Renato Kehl (1917-1929). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Salvador, 16., 2009. *Anais...* Salvador, CBCE, 2009. p.1-14.
- STANCIK, M. A. Os Jecas do Literato e do Cientista: Movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. *Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes*, Ponta Grossa - PR, v. 11, n. 2, p.45-62, 2003.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

Recebido em 06/04/2010

Revisado em 18/09/2010

Aceito em 05/10/2010

Endereço para correspondência: Edivaldo Góis Junior. Praça Universo, 96. AP. 203, Bloco B. Vila Formosa, CEP 03362-020, São Paulo-SP E-mail: egoisjunior@gmail.com